

Ecclesia



Fevereiro de 1955
Ano 7.º

N.º 31

nos pátios das fábricas, nas sacristias ou nos passeios; a bisbilhotice por fora e por dentro das paredes-mestras; e indo mais ao cerne da árvore, a mão-baixa, ou o pé-leve, ou a língua comprida e a inteligência curta, das quais a fazenda e a honra alheias são as vítimas.

A civilização helvética é, tanto quanto o pudemos observar, aquela medida de interesse de um por outro que provém do considerar esse outro como elemento de um todo a que cada qual pertence.

Cada um tem sua função que outro não quer prejudicar, mas esse outro tem também uma função que contribui para o todo comum.

Isto se observa, dum modo geral, no trânsito das cidades, como nas relações comerciais, como no trato industrial. Isto se reflecte no preço alto da mão de obra, e depois no alto nível de vida e ainda depois na perfeição e no gosto artístico, consequências duma existência geral sem a trágica preocupação do pão para a boca, e para já.

Ali a rua não é vazadouro dos nossos desperdícios; o veículo público não é simbólico espectáculo da "caça ao lugar"; os "objectos expostos" não exigem olheiros ansiosos na vigilância. Civilização ali é limpeza nítida, harmonia de movimentos, boa-fé natural e palpável.

Agora, seja-nos permitida uma pequena observação, que em nada destoa, aliás, do que já dissemos:

Num país onde três quartos da população são de tradição reformada, emergida duma tragédia

de trinta e mais anos de fogo e de sangue, por toda a parte se vêem, numa nota de tolerância cívica admirável, rostos altaneiros encimando sotainas clericais. Há uma aparente revivescência pro-romana, que já exige a modificação das leis fundamentais no que lhe não é favorável.

Onde reside a causa desse fenómeno religioso-social? Quanto a nós está no culto reformado, despido em demasia de aquilo que o espírito humano necessita para se chegar ao Espírito Eterno.

Ouvimos sermões admiráveis, que nos revelaram uma pureza de doutrina bem longe das acusações de certos fanáticos fariseus; mas sentimos a nudez, o desadorno, o apelo intelectual perfeito sem o auxílio, dado à multidão simples, da tradição dos nossos Maiores, para a adoração a Deus. Um vago esboço litúrgico, ao sabor do ministro de ocasião, e é tudo.

A multidão quer mais; e tem razão. Tinham-na afastado da "adoração em espírito" com os excessos dum culto onde a alma perdia o verdadeiro sentido de Deus. O pêndulo então oscilou, repugnandó o excesso, para o excesso oposto...

Mas isto é um simples desabafo, a expressão humilde duma opinião, que em nada afecta o gozo que em nós perdura dessa visita maravilhosa.

Esperemos que a Liturgia de Genebra, que conhecemos de volume, e outras de que nós falamos, venham a ser fonte de gozo espiritual para a maioria dos cidadãos suíços.

:::

REMINISCÊNCIAS

E

PERSPECTIVAS

:::

:::

COM a sua habitual eloquência se dirigiu aos seus fieis do Patriarcado de Lisboa o senhor Cardeal Cerejeira, no Natal passado.

Dá-nos verdades profundas nessa Pastoral, como essas que nos recordam a afirmação do Divino Mestre: "quando for levantado da terra todos hei-de atrair a Mim" (João 12:32):

"O melhor do paganismo, nomeadamente o claro pensamento dessa Grécia, mãe da Filosofia e da Arte, significa, no meio da obscuridade e dos erros, uma elevação, uma aproximação, uma

preparação para o Evangelho, como o sentiram os velhos Padres da Igreja, herdeiros da cultura helénica, que julgaram ver nas

intuições desse pensamento iluminação parcial do Verbo cristão que se fez carne. Mas o materialismo moderno não é tentativa incerta para a luz, é uma rejeição deliberada da mensagem redentora de Cristo; procede dum movimento inverso ao do espírito grego; caminha inevitavelmente para as trevas, para o caos. Com a negação de Deus, morre afinal o Homem: a pessoa humana deixa

de ter um valor eterno, inalienável, que transcende a natureza”.

Há outras muitas frases de oiro na pastoral, como estoutra: “O que importa é viver o Evangelho na vida toda...”. Quanto à “crise do mundo ocidental no século XVI” de que S. E. fala, ainda que não diga expressamente qual é, convém lembrar que foi o neopaganismo renascentista com seus corifeus, alguns deles romanos pontífices.



Alfredo Nobel, diz-se na admirável peça “Prémio Nobel”, que tão grande êxito alcançou, afirmou que a ciência deveria ir além dos Evangelhos, fazendo com que o clínico não somente amasse o próximo como a si mesmo, mas mais ainda do que a si mesmo. Há alguma coisa a acrescentar a isto. De facto Jesus Cristo, ao dizer “amarás ao teu próximo como a ti mesmo” repetiu palavras da Lei antiga, em Levítico 19.18; mas de Ele mesmo é esta exortação sublime, o Novo Mandamento, da Nova Aliança: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”. Ele deu a ordem e o exemplo. Quem poderá ultrapassar o Evangelho?



O passado Natal [foi fértil em declarações que bem necessitam de aclarações. Num dos rotativos de Lisboa, um senhor Ruy de Albuquerque, para justificar a filiação de Deus em Santa Maria, afirmou que, “os protestantes negaram a palavra do Anjo — Avé Maria gratia plena”. O que toda a gente de juízo negará, seja romana ou reformada, é que o Anjo tenha falado em latim à sublime Donzela de Nazaré. Sabe-se que o latinista não pôde ou não soube traduzir o grego de S. Mateus de outra forma. O que nem todos talvez saberão é que o mesmo termo grego foi empregado por S. Paulo com referência aos cristãos de Éfeso (Aos Efes. 1:6) e os tradutores têm, num caso, o de Maria, vertido por “cheia de graça”, ou “agraciada”, e no outro, o dos cristãos em geral, por “agradáveis”. Chegamos nós à conclusão de que a graça, em Maria ou nos cristãos, não é congénita, mas recebida, ainda que a graça manifestada em Santa Maria, a Bem-aventurada, é uma escolha maravilhosa — a de Deus! — portanto feita numa creatura privilegiada,

antecipadamente preparada (porque não, se S. Paulo o foi? V. em Gálatas 1:15). Mas para que ir além do amor imenso que nos merece a memória da admirável Mulher, eleita do Eterno, bem-dita entre as mulheres, bem-aventurada em todas as gerações? para que diminuir a Obra da Cruz, dessa cruz de redenção a cujo sopé ela sofreu a grande dor? Se é nossa santa Companheira na Salvação, pois Jeová foi seu salvador, e ela o disse no mais belo cântico que uma mulher tem composto sobre a terra, porque torna-la, erradamente, lamentavelmente, co-redentora e mãe divina?



Pedro Fresnay é um grande actor francês, huguenote de nascimento, cristão-reformado praticante, instrutor da Escola Dominical, que foi “incapaz de suportar as intrigas que sempre caracterizam a casa de Molière”, assim o diz o “Século Ilustrado” do dia de Natal, numa boa biografia. Foi ele o protagonista de “O Renegado”, o sacristão do “Deus precisa dos Homens”, o doutor de “O Corvo”, o capitão de “A Grande Ilusão”, etc. Trabalhando para a tela, nunca deixou de ser “actor”, isto é (no seu nobre conceito) de não querer perder o contacto com o público. É ele que vai fazer a personagem principal do filme “Martinho Lutero”, onde certamente, como é o propósito da sua vocação, pretenderá encarnar uma mensagem. É a arte, no seu mais alto escopo. Da história deste homem se deduz que tem asas, mas as luzes da ribalta lhas têm queimado por vezes. A paixão da sua arte atrai-o, e o ambiente que nela se cria poluio. Dois escândalos, pelo menos, mancham a sua vida passada, e a luz da sua crença mais as põe em evidência; mas o facto consolador é saber-se que desde há vinte e dois anos que tem mantido uma linha de rígida coerência moral. O Evangelho reúne em seu torno muito menos “santos congénitos” do que pecadores arrependidos.



O Rev. Júlio de Andrade Ferreira, que supomos não ter visitado a Igreja Lusitana, nem ouvido o seu clero, ao passar de fugida pelo nosso país, de regresso da sua viagem à Europa, e parece que já “documentado” lá por fora, dá

no "Puritano" de 10-25 de Setembro as suas fugidias impressões sobre Portugal. Entre elas, declara que "a Igreja Episcopal (refere-se a nós, decerto) é um tanto romanizante..." Ora, se nós percebemos alguma coisa da língua portuguesa, aqui nascida e criada, definimos "romanizante" como quem "romaniza", isto é, torna romano quem o não seja. Ou então, quem cultiva alguma coisa que está ou vem de Roma. Serenamente — e tristemente, porque o assunto é triste! — informamos S. Rev.^a que isso não é verdade. Não cultivamos nada que tenha nascido em Roma, nem procuramos tornar ninguém romano, antes mais português, se é possível. Somos a única Igreja de raís nacional. Também não seremos nunca "profanizantes", porque não pretendemos despir o Cristianismo da sua poesia de amor, das suas tradições de beleza, da sua ânsia de entendimento mútuo e de boa vontade para com todos os homens, substituindo tudo isso por uma espécie de "complexo de superioridade intelectual". E basta.



A obra episcopaliana, à qual se deve, como é do conhecimento de todos que têm qualquer espécie de conhecimento, a iniciativa do apelo feito aos cristãos portugueses em nome da Reforma religiosa, fez esse apelo, não só em Lisboa, por meio do Dr. Vicente Gomez, como na região saloia. Esta última actividade se deve ao padre egresso de Roma António Ferreira de Miranda, em S. José de Ribamar, no concelho de Mafra, e a outro padre egresso que foi um dos fundadores da Igreja Lusitana na sua fase reformada, João Joaquim da Costa e Almeida, em Rio de Mouro, concelho de Sintra. Tempos difíceis eram esses! Contudo ainda há vestígios da acção exercida em Rio de Mouro, e no coração de alguns de nós o anseio de honrar a memória dos pioneiros começando por ali uma obra evangelizadora feita com serenidade e affecto, não com a espada de S. Pedro antes do olhar de Cristo, no pátio do Sinédrio, mas com a Espada invocada por S. Paulo, depois do olhar de Cristo na estrada de Damasco.



António Álvaro Dória, probo e fecundo autor, querido amigo nosso, que não é correigionário, mas não faz parte das "tribos da Intolerância"

e lê "Ecclesia" (sublinhamos com intenção o verbo), nota que a data indicada como a da publicação do "Portugal na Balança da Europa", de Garrett, é 1827-30 e não 27-38, como saiu no nosso número anterior. Corrige também que foi Daudet e não Veillot, como por lapso de memória escrevemos, o acoimador do século XIX, afinal nada estúpido. O engano foi fácil de dar-se, ao correr da pena: em política religiosa Daudet e Veillot... "Arcades ambo". Mas pedimos desculpa aos leitores. Nota ainda o nosso amigo que a data transcrita da "Revista Turismo", no artigo "S. Jerónimo e a Reforma", como crucial para o movimento reformado, não poderia ser 1571, pois então já a Europa se batia há muito por causa da religião. Terá sido originalmente escrito pelo dr. Vieira Santos 1521, quando Durer tinha 50 anos, não sendo propriamente velho mas estando próximo da morte, ocorrida sete anos depois. Esse ano é o da aliança de Carlos V com Leão X contra a França, o do comparecimento de Lutero em Vormes e do édito que se seguiu contra o luteranismo nascente, o do rapto do Reformador pelos seus amigos, e ainda dos primeiros prenúncios da revolta anabaptista, em Vitemberga. Deve ser esse o ano da oferta do "S. Jerónimo" que está nas Janelas Verdes. Fica feita a rectificação, com os elementos de que dispomos agora.



Passou há pouco o 16.^o centenário do nascimento de Santo Agostinho. Ouçamo-lo, num trecho de admirável tolerância, trazido ao vernáculo pela pena de Herculano: "São herejes" — dizia ele, falando dos arianos; "são-no; mas ignoram-no. Herejes entre nós, não o são entre si; porque tão católicos se reputam que nos têm por heréticos. O que eles são para nós somos nós para eles... A verdade está da nossa parte; mas eles pensam que está da sua. Cremos que damos glória a Deus; eles pensam também que o fazem. Não cumprem o seu dever; mas, longe de o suspeitarem, acreditam servir a religião... Enganam-se; mas é de boa fé e por amarem a Deus não porque o aborreçam. Alheios à crença verdadeira, seguem com sincero affecto a sua, e só o supremo juiz pode saber qual será o castigo dos seus erros". Admirável lição do **mestre dos bispos**.

NO ÁTRIO

Os dias maiores deste bimestre são:

Na 4.^a feira, 2 de Fevereiro, a "Apresentação de Jesus no Templo".

A 4.^a feira de Cinzas cai em 23 de Fevereiro, seguida da Festa de S. Matias, Apóstolo, em 24.

O 1.^o Domingo de Quaresma cai em 27 de Fevereiro, seguido das Têmporas, em 2, 4 e 5 de Março.

Na 6.^a feira 25 de Março festeja-se a "Anunciação da Bem-aventurada Virgem Maria".



NA NAVE

Sermão de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

O Senhor é o meu pastor:
nada me faltará.

Salmo 23-1.

A Paz de Deus seja convôscos.

Seis versículos apenas tem o Salmo 23. Ao ler cada um deles, sinto na minha alma uma espécie de refrigério que a suaviza e consola. Como David era feliz quando o escreveu e o cantava ao som da sua harpa que ele dedilhava com tanta destreza! Os seus trabalhos poéticos são uma evocação das duras experiências da sua vida bucólica e das lutas que teve, por vezes, de travar com animais ferozes, em defesa das suas ovelhinhas. Se saía sempre vencedor, era mais pela protecção de Deus do que pela sua própria força. Conheço uma pessoa que tem de subir todos os dias uma ladeira. Faz o trajecto balbuciando o salmo vinte e três, e, quando atinge o fim, não se sente cansada, nem se lembra do caminho que teve de percorrer. Um dia o telegrafista dum vapor lembrou-se de radiar o 1.^o versículo deste salmo e logo captou o segundo versículo doutro vapor. Então, sucessivamente, foram os restantes versículos radiados por vários vapores. Assim, na imensa vastidão do Oceano foi proclamado o amor de Deus! Não há ninguém que não tenha tido na sua alma algum

conflito. Ora, este salmo é um lenitivo para quem passar por esse transe doloroso. Os acidentes da vida, para o que confia na protecção de Deus, não se tornam sombrios e tenebrosos, antes contribuem, muitas vezes, para que ela seja mais bela e harmoniosa. O que seria a música sem os sinais que servem para alterar as notas, aos quais se dá o nome de acidentes? Seria um som uniforme, sem graça nem beleza. A Bíblia diz que para os que amam a Deus, todas as coisas contribuem para seu bem. (Rom. 8-28) Quantas experiências úteis e eficazes têm colhido com os males da vida, os fieis servos de Deus! Li hoje este pensamento de Ruy Barbosa: "Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem". Mas há problemas cuja solução não está ao alcance de quem os tem de resolver. Há dificuldades que se afiguram insuperáveis. A Bíblia indica o caminho a seguir: "Entrega o teu cuidado ao Senhor; confia nele, e Ele fará o que tu necessitas" (Salmo 34-5). O ser humano, sem uma semelhante promessa de auxílio, viveria na triste condição de desesperado que não tem a quem recorrer. Como deve ser triste para o delinquente não ter quem o ajude, guie e defenda! A nossa vida assume às vezes proporções dum labirinto do qual se não pode sair, sem alguém que nos tome pela mão e conduza. Quantas almas estão, no momento em que o digo, nessas tristes circunstâncias! "Entrega o teu cuidado ao Senhor!". Entregá-o, sim, mas não com a ideia de não fazeres nada no sentido de aliviar o peso da tua tarefa. Alguém disse que nós devemos trabalhar como se Deus não fizesse nada, e confiar como se Ele fizesse tudo. Na verdade, Deus misericordioso fará o que nós não podemos, mas não tomará sobre si a parte que nos cabe. Entrega o teu cuidado ao Senhor! O apóstolo S. João diz que nosso Senhor Jesus Cristo é o nosso advogado perante o Pai (1.^a S. João 2-1). Em caso de pleito é bom contar-se com um advogado inteligente. O Apóstolo aconselha os crentes a não pecarem, mas admite a possibilidade do pecado, dada, certamente, a fragilidade da natureza humana. O caso é que a maior parte das dificuldades e problemas que nos atormentam são derivadas do pecado, isto é, são as horríveis e inevitáveis consequências. Se entregarmos os nossos cuidados nas mãos de Jesus, Ele tomará conta dos nossos cuidados e advogará a nossa causa com amor, porque apesar de odiar o

pecado, Ele ama o pecador, pois por ele morreu na Cruz do Calvário. Quem dera ter a confiança da criancinha que se entrega nos braços de sua mãe, sem se lembrar que ela a pode deixar cair! Ainda que algumas vezes a mãe deixe cair seu filho, Deus nunca deixará cair nem arrancar dos seus braços quem a eles se acolher! Assim, com a garantia de tão sublime amor, seguirei o meu caminho, cantando, cada dia:

"Não sei por onde vou; mas isto sei Senhor:

"Na tua mão estou, e tu és todo amor!



LUX BENIGNA

Benigna Luz, p'la treva circundante

Vem-me guiar.

A noite é escura; o lar lá tão distante!...

Vem-me guiar.

Não peço — oh, não! — p'ra ver já tudo além:

Ir passo a passo em luz me basta bem.

A luz divina eu não pedia outrora

P'ra me guiar:

Ser próprio guia ansiava; mas, agora,

Vem-me guiar.

Orgulho era em mim dominador.

Tão mau passado esquece, ó Luz de amor!

Foste até aqui meu Guia, e, no futuro,

'Inda o serás.

Por toda a senda, até que o vale escuro

Fique p'ra trás.

Vinda a manhã, que bom tornar a ver

Rostos que eu amo e não mais vou perder!

A. Pinto Ribeiro

Adaptação em versos portugueses do belo hino de John Henry Newman — "Lead Kindly Light" —. Há já outra adaptação devida a W. E. Entzinger (Cantor Cristão N.º 355).

PROJECTO DE REFORMA CANÓNICA

DA AUTORIA DO

REV. DR. DANIEL DE PINA CABRAL

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA LUSITANA

XXII

Da Junta Paroquial

1 — Em cada Paróquia haverá uma Junta Paroquial composta dos seis vogais, anualmente eleitos pela Assembleia eleitoral, e de um representante de cada missão estabilizada que a Igreja matriz possua.

2 — O Presidente da Junta Paroquial é o Reitor da Igreja respectiva ou o seu coadjutor, na ausencia dele; faltando ambos, a Junta elege dentre si quem tome a presidência.

XXIII

Das Atribuições e Competência da Junta

Paroquial

1 — À Junta Paroquial são atribuídos deveres de natureza espiritual e deveres de natureza administrativa.

2 — No exercício dos primeiros, além do mais, compete à Junta:

a) Auxiliar o Reitor na iniciação, sustento e expansão da Obra da Igreja, dentro e fora da Paróquia;

b) Constituir-se em circulo particular de intercessão e devoção pela comunidade que representa;

c) Visitar, de acordo com o Pastor, os doentes, os pobres e aqueles que por longo tempo hajam abandonado a frequência à Igreja;

d) Manter a ordem e promover a unidade, a paz e a verdadeira religião na sua Paróquia.

3 — No exercício dos segundos, além do mais, compete à Junta:

a) Administrar o FUNDO PAROQUIAL;

b) Promover o sustento dos Ministros;

c) Fornecer os livros, paramentos e alfaias que canonicamente se requeiram na Igreja;

d) Organizar e fiscalizar os serviços de limpeza e de ordem nos recintos da Igreja;

e) Comprar e vender, aceitar doações, legados ou heranças, contratar nas prestações de serviços e negociar tudo o mais preciso, em nome e em benefício da Igreja, observando-se o que vai disposto na Canon (homologação pelo Bispo dos actos de desafecção).

4— Os membros da Junta são solidariamente responsáveis pelos actos que praticarem.

XXIV

Do Acto de Posse dos Membros da JuntaParoquial

No domingo seguinte ao da Eleição da Junta durante o culto e antes do sermão, os membros eleitos devem tomar posse perante o Bispo, ou quem o represente, fazendo cada um a declaração seguinte: "Eu N. declaro que cumprirei fielmente os deveres que me couberam como membro da Junta da Paroquia de como melhor puder e souber, implorando a Graça de Deus e a intercessão da Igreja".

XXV

Da Convocação da Junta Paroquial

1— A Junta deve ser convocada, ao menos, quatro vezes no ano: no tempo depois da Epifania; no tempo depois da Páscoa; e no tempo depois da SS. Trindade; e no tempo do Advento.

2— A convocação é feita pelo Presidente, mas qualquer membro pode require-la em officio dirigido ao Presidente no qual declare o motivo da petição.

XXVI

Dos Cargos dentro da Junta Paroquial

1— Na primeira reunião efectuada no tempo depois da Epifania, deve a Junta eleger dentre si: um secretário, um tesoureiro, um encarregado dos pobres, um encarregado de obras paroquiais, e dois guardiões.

2— A função dos guardiões que, em caso de necessidade, pode ser exercida por qualquer outro membro, consistirá, particularmente, em auxiliar os Ministros no culto público, conduzindo-os aos seus lugares oficiais, recolhendo as ofertas do povo, fazendo tocar o sino; providenciando no sentido de que a máxima reverência seja guardada durante o culto, e cumprindo sempre as determinações do Reitor.

3— Um dos guardiões será constituído representante da Paróquia ao Sínodo Diocesano, e, por ser a mais alta autoridade na Igreja, depois dos Ministros, é também aquele a quem primeiramente incumbe os deveres inerentes às atribuições da Junta.

XXVII

Do Modo de preenchimento de Vagas naJunta Paroquial

1— Logo que ocorra vaga na Junta, esta, de acordo com o Pároco, preenche-la-á de entre os membros comungantes da Igreja, ou da missão, se a vaga for do respectivo representante; e no caso de toda a Junta se demitir, o Pároco dará imediatamente notícia ao Arcipreste o qual ordenará a instrução de um processo tendente a investigar as causas da demissão colectiva, e nomeará, ouvido o Pároco, uma comissão administrativa da Paróquia que exercerá as funções da Junta até que, no tempo próprio, seja eleita nova.

2— Quando um membro da Junta pretender resignar do seu cargo, dará parte, por escrito, ao Presidente.

XXVIII

Do Processo nas Reuniões da Junta Paroquial

1— A Junta só se considerará reunida estando presentes, ao menos, a metade dos seus membros, além do Presidente.

2— As questões na Junta serão decididas por maioria dos membros presentes.

3— De todos os assuntos discutidos em sessão, se lavrará acta num livro próprio, a qual acta irá assinada pelo Presidente e Secretário.

4— Toda a reunião da Junta começará e terminará com invocação do Espírito Santo e louvor de Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo.

UM honesto e denodado missionário inglês que, em Angola, durante anos, pugnara pela extinção das últi-

mas sequelas da escravatura, praticada entre indígenas no interior, com a complicitade de alguns europeus desumanos, viera residir depois em Lisboa, onde abria uma missãozinha de cristianismo inconformista, mas seguro nos grandes princípios do Evangelho. Chamava-se Carlos Alberto Swan. Todos o estimavam, e ele amava Portugal, tanto quanto um inglês pode amar uma nação que não seja a sua. Rodeara-se em Lisboa dum grupo de jovens como outro talvez se não tenha reunido com ideais semelhantes, e donde se revelaram alguns em obra que tem perdurado, e outros partiram após brilhante sulco pelo horizonte da nossa memória, aliás tão ingrata. Swan tinha o dom da atracção da juventude.

Um dia rebenta a Guerra Mundial, a primeira. Portugal entra no prélio, diz-se que para salvar as suas possessões ultramarinas. Um grande colonialista é o responsável pela pasta da guerra: Norton de Matos. Eu, nem sei como nem porquê, sou então um dos secretários da Presidência do Governo, ainda que mantendo a consciência da minha pequenês.

O certo é que um dia Swan procura-me. Quere ir para a frente portuguesa em França, como auxiliar voluntário, ao serviço da Missão Cristã aos Soldados, e julga que eu o devo apresentar ao Ministro da Guerra. É natural que obtenha facilidade de apresentação. E é assim que lá vamos e somos recebidos.

Exponho o caso, em breves palavras; nem muitas ele permitiria, naqueles dias de actividade febril. Norton de Matos escuta com a austeridade militar e o dom de observação e de julgamento que lhe são próprios. Escuta e responde, incisivo e lacónico:

"O Governo Português não recruta voluntários estrangeiros".

Para, fita-nos, e voltando-se para mim acrescenta: "Mas o sr. M. é que pode ir na sua missão".

"Pois irei, senhor Ministro. Procurarei de novo V.ª Ex.ª".

Estavamos a poucas semanas do 5 de Dezembro, que veio modificar o curso dos acontecimentos. E foi assim que nem o Rev. Fiandor nem qualquer

Norton de Matos

UMA PAGELA DE MEMÓRIAS QUE O RECORDAM

outro que se preparou para a ida até às trincheiras como capelão evangélico, pôde realizar o seu desejo.

Desfez-se o sonho.

Ao anunciar, em 3 de Janeiro, a sua morte, um jornalista estudou em traço rápido a personalidade do ilustre extinto, referindo, com doce ironia, o gosto aristocrático de quem proclamou tão altissonantes princípios democráticos. E parece ter querido ver nesse traço, que aliás noutros se tem repetido, uma certa incoerência, ou uma tendência dos desviados da sua maneira própria a um regresso fatal. Supomos ser isto o que se infere do que então lemos por alto.

Ora para nós não há termo de comparação entre a "alma plebeia" que se esforça por parecer o que não é, e a "alma de eleição" por educação, por nascimento ou o que quiserem, que se aproxime, com elegância moral, do grande número, e que em cada um respeita a obra de Deus — uma consciência inviolável, enfim uma misteriosa possibilidade de bem, que é a marca de divina origem.

D. Carolina Michaelis, referindo-se a Um que era Deus-Homem, ousou chamar-lhe "demagogo", desprezando a semântica do termo e regressando ao sentido puro dos étimos. Nós não nos atrevemos senão a citar o feito, e já não é pequeno atrevimento.

Norton de Matos cremos que se equilibrou nessa matéria.

E ainda uma nota final, mais **nossa**: O general Norton de Matos respeitou e estimou os missionários protestantes em Angola. Não que os propusesse para distinções oficiais, com que é de hábito decorar colaboradores estrangeiros, leais e úteis; como têm feito, por exemplo, os governos católicos da Bélgica. Mas porque acreditou neles, o que é tudo quanto mais importa, em nosso juízo. Contudo impôs-lhes rigidamente o estudo da língua portuguesa; e não houve meio, nem para os **veteranos** que haviam chegado ao interior antes de algumas autoridades locais, nem aos **místicos** que entendiam bastar-lhes o conhecimento dos idiomas tribais; não houve meio, dissemos, de fugir a esse dever. Agora, melhor ou pior, romanos ou evangélicos estrangeiros, eles lá vão com esses conhecimentos indispensáveis a provar que Angola é uma província de Portugal.

PENA DE MORTE

LEITOR: deixa-me conversar contigo. É muito sério o que vou dizer.

Olha tu: se a minha alma tivesse pele, vê-las toda mosqueada de cicatrizes, das feridas que o egoísmo estúpido dos homens lhe tem feito. (Não será esta a história de todos?)

Contudo — ou por isso mesmo! — condeno a pena de morte. Condeno-a, no fôro íntimo da minha consciência, naquilo que em mim Deus respeita, porque é criação Sua, para ser respeitada.

Nem "Raca" ou "és tolo" eu devo dizer ao meu irmão ofensor! Assim o ensinou o Mestre. Quanto mais, concorrer para a sua morte!

Há poucas semanas os Estados Unidos exportaram para cá um português uxoricida que lá, há anos, não electrocutaram em atenção aos pedidos da sensibilidade portuguesa. Escrevi então, num jornalinho protestante, o que pensava sobre o caso, que não deve andar longe do que penso hoje. Mas amadureci, e talvez fale com autoridade maior.

Escrevo agora de novo, movido por um outro caso.

Na sinistra cadeira sentou-se há poucos dias um homem que não obteve perdão para o seu crime. Assassinou por paixão, também; mas ao morrer revelou-se muito superior ao nível moral da sociedade que o matou. Ao ler a sua história sinto os olhos húmidos.

Porque a lei a que me refiro aparece-me como um crime colectivo das entidades que o produziram. Um crime colectivo não redime, não apaga nem evita as consequências dum crime individual, de homicídio ou lenocínio, de branco ou de preto, de responsável suposto ou de louco dado por tal, de fanático religioso, de político geronticida ou de amante traído.

O governador do Estado, que rejeitou o pedido de clemência dum jovem advogado, inteligente e compreensivo, não praticou um crime individual; mas foi o principal executor do crime colectivo.

A sociedade só nos dá personalidade social; logo, só essa nos pode tirar. A pena de morte natural pertence a Deus.

Digo isto como português, e como cristão.

De cabeça erguida, no primeiro caso e de cabeça baixa, no segundo.

O certo é que os Portugueses, em geral, não sabem matar a frio. São raras as excepções. Afirmou Teófilo Braga que nos tempos truculentos do senhor D. Miguel, na "Guerra dos Dois Irmãos", quando frades e soldados, "malhados" e "corcundas", se enforcavam uns aos outros, nesciamente, foi necessário mandar vir carrascos de Espanha por não os haver por cá. Orgulhe-mo-nos por isso. E humilhemo-nos porque, apaixonadamente, tanto se matou.

E não falo como bisneto de "malhado", do major almoxarife do Arsenal das Obras do Exército", em tempos de D. Maria II; mas como seguidor do Evangelho e filho de Deus por adopção em Cristo.

A história de João Winters, o que "morreu com beleza", é uma grande lição. Ele veio afinal a reconhecer que há num bruto mundo almas belas. E, arrependido, aceitou a morte com humildade. Quiz-se dar em experiência, como cobaia, para estudos do cancro, e nem para isso o quiseram. Então, no silêncio dum testamento escrito, legou os olhos a cegos em quem seja possível enxertá-los. Não sei se os aceitaram, ou se há também a pena do "desprezo póstumo".

E agora, leitor, que dizes a isto? Um homem que a Sociedade Humana mata, por considerá-lo um seu inimigo, não poderia um dia, um mês, um ano depois, tornar-se um precioso amigo? Como cristão, se o és, crês no perdão, na Graça, no novo nascimento, na santificação das vidas. Qual é, então, a lei humana que se arroga com justiça o direito de impedir a possibilidade de regeneração?

Jesus prégado é o Caminho para Deus, mas a pena de morte é fosso cavado entre a alma e o seu Criador.

Antropofilo

JOÃO R. MOTT

"Prémio Nobel da Paz"

Acabamos de saber que foi chamado à presença de Deus, em Janeiro passado, o grande mentor cristão João R. Mott, guia dos estudantes cristãos, que por mais duma vez visitou Portugal. Partiu em propecta idade. "As suas obras o seguem".

UM "POÇO" DE SALVAÇÃO

OBRA E TESTEMUNHO DE

D. Esperança Cândida Fernandes Teixeira

O tempo v^oa, a saudade fica. A recordação depressa desvanece e, as suas côres, os anos encarregam-se de as tornar quase imperceptíveis. A história escreve-se, mas requer elementos. Estes, rebuscam-se, sendo encontrados no que o Passado escreveu ou nos envelhecidos a quem a saudade agita, orvalhando-lhe de lágrimas os enevoados olhos.

Eis o que se pretende, trazendo à memória D. Esperança Cândida Fernandes Teixeira, nascida em Vila Nova de Gaia, aos 25 dias de Outubro de 1860. Alguém que cêdo enviuvando, em 1905 refundiu no conhecimento da Verdade Evangelica o seu sentimento religioso, retirando dos moveis de sua casa os vários ídolos que os guarneciam, para poder advertir e testemunhar o valor da Fé.

Conhecemo-la quando em 1906, assumindo o lugar de evangelista na Missão da freguesia da Madalena, passamos também a colaborar na obra do Senhor, no Candal.

D. Esperança, cunhada do consciencioso e prático artista de relojoaria Andrade Melo, cujo nome se tornou conhecido em todo o país, estando ainda vinculado à casa comercial que fundou na rua Mousinho da Silveira, no Porto, recebeu deste as primeiras influências do Evangelho, pois este as houvera também recebido de J. P. da Conceição, seu vizinho comercial, havendo ingressado, seguido de sua família, na Igreja Metodista Portuguesa, aonde ainda são inflexíveis testemunhas, três de suas filhas.

Como nesse tempo, acima de quaisquer fórmulas, se procurava o conforto das almas, D. Esperança foi encaminhada para a Igreja Lusitana, perto da sua casa, onde teria a mesma Bíblia, requerendo-se-lhe inflexível lealdade a Cristo. Deste modo, D. Esperança, na Igreja do Bom Pastor, na União Feminina, pela sua assiduidade, pelo seu amor às almas em trevas, tornou-se um daqueles elementos que promovia o crescimento espiritual da Igreja, saneado por um testemunho crido e vivido.

Em 1909, numa manhã de domingo, o rev.

André Cassels prêgou sobre o poço de Jacob, o que impressionou muito D. Esperança. A caminho de suas casas disse àquela que foi minha sempre saudosa esposa, D. Josefa Campos Araújo que, se esta a quizesse ajudar, abriria em sua sala de costura um "poço" de onde se tirariam águas vivas que dessedentassem almas na miséria do pecadô.

O cimo da íngreme rua das Costeiras, o bairro lateral de S. Lourenço e o lugar do Marco, eram nesse tempo habitados por trabalhadores de armazens de vinhos, de prolifera prole e amarguradas esposas, principalmente, quando à tarde regressavam aos seus pardieiros, cambaleantes pelo espírito do alcool.

No cimo da rua das Costeiras estava a casa de D. Esperança, sua proprietária. No rés-do-chão era a sua sala de costura onde trabalhava de modista, sala que na noite da primeira segunda-feira de Abril de 1909, foi arrumada para a primeira reunião de conforto e evangelização, continuada em todas as noites de segunda-feira, até 27 de Novembro de 1920, madrugada em que a fiel serva entrou no gozo do seu Senhor.

Ora, durante esses 11 anos, muito foi feito e muitas almas ouviram e sentiram a consolação do Evangelho; em muitos daqueles dismantelados lares se restabeleceu a paz e a higiene; pessoas que hesitavam em entrar na Igreja do Bom Pastor, ali entraram, baptizaram seus filhos e assistiram à cerimónia dos seus matrimónios, tudo porquê? Porque D. Esperança, não tendo o chamado dom de palavra, tinha a firmeza da convicção com a qual, para o "poço aberto em sua casa", convidava pequenos e grandes, para ali írem beber da Água-da-Vida.

Neste abençoado trabalho, especialmente entre mulheres, alem da que ajudou a abrir o "poço" de quando em quando colaboraram D. Mary Cassels, D. Kate Kennedy Cassels, D. Patrocínia Fernandes, D. Adelaide de Almeida, etc.

Nós, porque os filhos aumentaram, substituímos a cara esposa e ali realizamos sessões bíblicas com **lanterna mágica** e realizamos outras de recitativos. Também, quando se celebrava o aniversário, as ínsignes professoras de música que eram e são as sobrinhas de D. Esperança, vinham do Porto, dar um banho lustral de boa musica em meio tão humilde.

Quando em 1914 estalou a primeira "grande guerra" e a Cruz Vermelha abriu cursos de

enfermagem, D. Esperança, com outras unionistas, foi aluna desses cursos, indo com D. Margarida Cruz, de quem um dia será preciso falar, receber lições práticas no Hospital da Misericórdia do Porto, prática que também ajudou a curar chagas do corpo, como vinha curando as chagas da alma.

A propósito: uma noite regressávamos do culto, trazendo em nossa companhia uma infeliz a quem o marido muito maltratava. Era um homem a quem o vício e o vinho tornaram o corpo numa pústula, que vinha ordenar à esposa que fosse para casa cura-lo. Tão martirizada estava a pobre mulher que se recusava acompanhá-lo. Então brilhou na sua frente a lamina de uma faca. Metemo-nos na frente e o desnorteado ainda fez menção de nos esfaquear. D. Esperança não recuou, recomendou calma e prometeu que iria ajudar a curar as suas pestilentas feridas. O homem acalmou e, tendo chegado a um estado que só de gatinhas se mudava de um lado para o outro, por muitas manhãs, D. Esperança foi ajudar a cura-lo, até que ele morreu, se convertido não o afirmamos, mas muito arrependido da sua dissolução, pediu "enterro evangélico"!

O que fica dito, basta para se avaliar o quilate de uma alma realmente convertida, sempre ansiosa da mesma virtude nos seus semelhantes.

Hoje que os meios de deslocação são outros, há anos que raramente descemos as íngremes Costeiras. Nas raras vezes que ali temos passado, se sentimos a falta do braço extremo que nos segurava e guiava os passos, não podemos deixar de olhar para a casa onde esteve aberto um "poço" de Salvação e, por detraz dos vidros da janela da sala onde tanto se sofreu e amou, parece-nos ver ainda o vulto de D. Esperança, cogitando quem passava, para convidar ou insistir com almas para que não faltassem à reunião da noite, ou saber do estado de alguns doentes.

A. Pereira Araújo

Todas as manhãs, antes de encetar o trabalho, Haydn, pedia a Deus que lhe desse engenho para o dia que começava.

Quando o seu trabalho ia bem, cria que Deus lhe ouvia a prece; em caso contrário, observava, a sorrir que Deus o punia pelos seus pecados.

LUSOGRAMAS

A Igreja Irmã da vizinha Espanha, a Igreja Espanhola Reformada, acaba de eleger seu bispo o nosso querido amigo e colega Rev. Santos M. Molina, que passou a residir em Madrid, Calle de la Beneficencia, 18. Desejamos do coração que em breve seja sagrado, e que seja motivo de grande bênção a sua actividade episcopal.

— Em troca de uma bela colecção de pratos, que enviámos à Europa, boa parte delas alfaias de culto da nossa aliás franciscana história, a Europa enviou-nos a Cascais uma magnífica colecção de príncipes e outros titulares de "antigo regime", constelados de pérolas e diamantes. Nas exposições é costume recomendar: "não tocar nos objectos expostos". Pois agora, por grande cópia de razões, o nosso olhar deve ser só de enternecida compreensão dum noivado de amor — para aqueles que conseguem viver numa esfera aparte do drama humano, apesar de alguns serem emersos desse drama — rogando a Deus que os faça canais de bênção para a multidão que tão distante vive dessa grandeza.

— 1955: entramos no ano centenário do grande terramoto de Lisboa, do século XVIII. Foi esse terramoto que deu pretexto ao Cavaleiro de Oliveira, o grande pecador arrependido, a condenar a orgia idolátrica em que caíramos. Notemos também que, emocionado pelo acontecimento, o Conselho Federal da Suíça, três meses e meio depois do desastre, determinou a 20 de Fevereiro de 1756 que todos os anos se dedicasse um dia ao Jejum Federal, com oração e humilhação. Supomos que haverá quem o pratique ainda.

— Para propagação do Evangelho, assim o cremos, ofereceu João Rockefeller mais de meio milhão de contos de réis a uma instituição filantrópica norte-americana, criada por ele há dezassete anos. Supliquemos a Deus que não venha uma tal soma desenvolver o mercenarismo, o sectarismo, o orgulho individual e de grupo, o relatório que "ultrapassa a verdade", e outras doenças comuns.

O objecto da música devia ser a glória de Deus. Bach.

O SUICÍDIO, EM DEONTOLOGIA PASTORAL

A escassês aflitiva de tempo nos impediu de tratar, no nosso II Congresso, deste e de outros importantes assuntos; mas esquecido não ficou. Falemos um pouco sobre ele.

Trata-se de saber qual deve ser a atitude do ministro de Cristo — ministro da Palavra e dos Sacramentos — perante a grave questão do funeral dum suicida, cujo officio lhe seja requerido.

Uma notícia carioca que appareceu nos quotidianos de 25 de Janeiro traz-nos ao espirito a actualidade do assunto. Vamos lá, pois.

A notícia a que nos reportamos é o cúmulo do velho escárneo ao português imigrado no Brasil. A culpa desse escárneo pertence aos governos liberais que **nunca** prepararam, nem pouco nem muito, o emigrante das nossas provincias, como o fizeram os italianos com a sua Sociedade "Dante Allighieri" ou, duma forma admirável, os japoneses. Essa talvez excessiva, em certo sentido, pois até dificulta a assimiliação desejada, muito naturalmente, pelo Estado Brasileiro.

A troça ao "Manuele de Trás dos Montes" e ao seu tamanco, é explicável. É a réplica da troça que nós fizemos do galego autêntico, desde Camões e através de Tolentino, até há poucos anos. Justo castigo sofremos, aliás por uma lei de causa e efeito.

Tivemos nós, que escrevemos estas linhas, de evocar o "tamanco armado com velas que a Cruz de Cristo ornava", tamanco com que se descobriu o Brasil; igual ao tamanco com motor e hélice com que se desceu maravilhosamente nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo. Eram heróis os tripulantes desses humildes tamancos. E essa evocação, devemos dizer-lo com humildade, nos valeu a maior ovação de que nos lembramos.

Mas voltemos à tal notícia. Refere-se ella a um pobre português residente no Rio de Janeiro que envenenou as galinhas dos vizinhos que tanto o incomodavam nos seus pruridos de hygiene; e que por isso, castigado infernalmente pelos prejudicados nos seus haveres galináceos, utilizou em si mesmo o resto do veneno: "como um herói grego", diz a notícia.

Mesmo sem sermos psiquiatras, immediatamente nos convencemos de que se trata, não dum herói cómico, mas dum triste doente, que não merece escárneo, como, por diferente motivo, o não merecia a semicegueira de Camões, a que nos referimos há tempos. Deslises humanos!

Porém o caso é mais sério, e cifra-se nesta pergunta: quem é suicida?

Foi-o acaso o nosso saudoso amigo Dr. António Aurélio da Costa Ferreira que, na África Oriental, num acesso de febre palustre, pôs termo à existência preciosa? Foi-o esse herói antigo dos nossos dias, vítima de intrigas palacianas que o endouaram, que se chamou Mousinho de Albuquerque? Esse psicopata de génio que se chamou Camilo Castelo Branco? Esse pai desvairado pela dor que se chamou Júlio Cesar Machado? Esse homem tão completo que o excesso de trabalho mental arrazou, Trindade Coelho? Esse inconformista talentoso que foi Manuel Laranjeira?

Foi normal a morte de Estevão Zweig? Ou a de Getúlio Vargas?

Todos nós somos ensinados que entre os instintos do homem normal se conta o da conservação. É corrente, é intuitivo. Ergo, se um ser humano atenta contra a existência não está normal. Cessa aí o julgamento humano e curvamo-nos perante o divino. Dessa forma, o ministro de Cristo realiza o funeral, que é mais um acto para os vivos presentes, do que para o morto, ausente, do qual só estão presentes os restos mortais, não a pessoa. A "encomendação" é um símbolo e as orações são feitas pelos vivos, doridos, comovidos, trazidos à realidade da vida.

E aqueles que, em sua devoção, manifestem o **desejo** de que a alma partida da vida **esteja** em bom lugar, porque não poderão fazê-lo em qualquer caso?

Encobrir o facto do suicídio é acto mentiroso, próprio do "político da religião", não dum "religioso". Negar o acto religioso junto dos restos mortais é falta clamorosa de caridade cristã e incompreensão evidente da natureza do acto.

A falta de espaço inibe-nos de publicar as secções "O Livro e os Livros", Página Musical, "Forum", etc.